

VÂNIA LÚCIA GIRARDI

GÊNERO RELACIONADO À SEXUALIDADE
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Monografia apresentada como pré requisito para conclusão do curso de licenciatura em educação física, do departamento de educação física, do setor de ciências biológicas da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA
1996

VÂNIA LÚCIA GIRARDI

GÊNERO RELACIONADO À SEXUALIDADE
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Monografia apresentada como pré requisito para conclusão do curso de licenciatura em educação física, do departamento de educação física, do setor de ciências biológicas da Universidade Federal do Paraná.

SUMÁRIO

RESUMO	iii
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	1
1.2 JUSTIFICATIVA	2
1.3 OBJETIVOS	3
2 REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1 IMPLICAÇÕES IDEOLÓGICAS NO PROCESSO DE GENERIFICAÇÃO	5
2.1.1 IDEOLOGIA: QUAL A SUA DEFINIÇÃO	5
2.1.2 GÊNERO E CULTURA: EVOLUÇÃO DOS TERMOS	6
2.1.2.1 GÊNERO	7
2.1.2.2 CULTURA	9
2.1.3 GÊNERO E ESTEREÓTIPOS NA FAMÍLIA	11
2.1.4 GÊNERO: ACOMODAÇÃO E RESISTÊNCIA	12
2.2 GÊNERO NA ESCOLA	14
2.2.1 ESCOLA REPRODUZINDO AS DESIGUALDADES SÓCIO-CULTURAIS	14
2.2.2 AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E OS ESTEREÓTIPOS SEXUAIS	15
2.2.3 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO AGENTE DE MUDANÇA CULTURAL	16
2.2.4 EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO SEXISTA: ELEMENTOS PARA POSSÍVEL MUDANÇA	17
3 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

RESUMO

Este estudo tem como centro de reflexões a questão do gênero na Educação Física e propõe uma nova visão para a prática docente.

A metodologia utilizada foi a pesquisa do gênero teórica e do tipo bibliográfica, tendo como referencial para estruturação das reflexões orientadoras da investigação.

Obtivemos como resultados do estudo, a possibilidade da educação física ajudar no processo de desvelamento do verdadeiro significado de gênero, buscando uma superação na atual metodologia que reforça os estereótipos sexuais na escola.

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

As questões a serem discutidas na Educação Física escolar como metodologia e os aspectos sociológicos ligados as práticas corporais estão abrindo novos caminhos para aprofundamento e que se fazem cada vez mais necessárias para qualificar e melhorar a disciplina no currículo da escola.

A metodologia utilizada para apresentação dos conteúdos do currículo aos alunos, bem como a formação dos profissionais da área, são questões passíveis de reflexão no que se refere a gênero.

Percebemos que existe na escola diferentes práticas ligadas a diferentes paradigmas, no que se refere ao encaminhamento metodológico das aulas. A saúde, aptidão física e o rendimento esportivo vinculados a instituição médica, militar e desportiva respectivamente, apresentam características que reforçam diferenças biológicas e que geram o distanciamento das ações conjuntas dos sexos nas práticas corporais.

As turmas mistas estão tendo mais espaço nas escolas, mas isso não garante aos alunos uma mudança nos padrões comportamentais. A constituição de turmas em grupos do sexo feminino ou masculino definirão encaminhamentos e rumos diferenciados para as aulas, assim também os alunos terão resultados diferentes com relação as vivências da prática escolar.

O fato de as escolas apresentarem na sua constituição turmas mistas não significa estarem levando em conta os aspectos pedagógicos envolvidos na questão. Embora tendo turmas mistas, as diferenças entre os sexos precisam ser

analisadas, pois encontramos na sociedade expectativas diferenciadas para o comportamento do sexo feminino e masculino.

Com isso o convívio dos alunos em turmas mistas nas aulas de educação física requer um aprendizado de novas formas de comportamento que colocam em cheque as tradicionais metodologias que visam expectativas típicas para cada sexo nas atividades corporais, necessitando assim, que os profissionais pensem sobre as questões de gênero que devem ser consideradas em suas aulas.

Com isso pergunta-se: os profissionais de Educação Física estão considerando em seu processo metodológico a realização satisfatória das atividades corporais de ambos os sexos sem reforçar os estereótipos sexuais?

1.2 JUSTIFICATIVA

Através da produção de preconceitos que se perpetuam no indivíduo ao longo de sua existência, e as desvantagens educativas em que se encontra o grupo que sofre de ambas essas desigualdades, as formas de manifestação ligadas aos sexos nas aulas de educação física devem ser criticadas e analisadas para que possam ser superadas.

“Homens e mulheres apresentam caracteres comuns ao gênero humano e extensivos a todas as partes do planeta onde vivem, mas apresentam também singularidades e diferenças. As diferenças e singularidades demarcam a distinção entre integrantes do gênero humano e deveriam afirmar uma relação de alteridade e não de desigualdade”. (SOARES, 1994, p. 263).

A aulas com turmas mistas, visando a ação conjunta dos sexos é uma proposta para um projeto de mudança social, buscando encontrar novas formas de

socialização, onde mulheres e homens convivam sem preconceitos e discriminações, destruindo os bloqueios que impedem a educação física de se tornar uma disciplina respeitada e mais efetiva na busca dos objetivos educacionais.

Percebe-se que apesar de ter tido mudanças como a de professoras atuarem frente a meninos e meninas, e a unificação dos programas e conteúdos escolares, a escola continua reproduzindo e produzindo as diferenças e desigualdades sociais.

Percebemos que a escola é reprodutora dos estereótipos sexuais e nas aulas de educação física isso se mostra presente quando os professores e a instituição separam as atividades para cada sexo, e também quando os próprios alunos diferenciam-se por sexo em atividades ditas “masculinas” e “femininas”.

Buscamos com esta pesquisa refletir sobre a forma de atuação da Educação Física perante as questões de sexo gênero na escola. Pois se percebe que as desigualdades continuam a ser reforçadas na escola quando deveriam ser abolidas para uma formação mais global dos alunos. Justifica-se assim pela dificuldade dos professores no encaminhamento metodológico nas questões de gênero.

Portanto a escola continua recriando práticas distintivas de gênero, e os profissionais de educação física fazem parte deste contexto social que deve ser analisado para uma possível mudança.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVOS GERAIS

CONTRIBUIR para uma análise do processo metodológico utilizado nas aulas de educação física.

REFLETIR sobre as questões de sexo-gênero nas aulas de educação física.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

APONTAR subsídios para os professores desenvolverem novas formas de ação que superem estereótipos sexuais nas aulas de Educação Física.

ESTABELECEER uma relação crítica entre o papel do profissional de Educação Física e a sua função dentro da escola.

APROFUNDAR os estudos de sexo-gênero nas relações e conflitos gerados no cotidiano das aulas de Educação Física

1 INTRODUÇÃO

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1- IMPLICAÇÕES IDEOLÓGICAS NO PROCESSO DE GENERIFICAÇÃO.

2.1.1 - IDEOLOGIA: QUAL A SUA DEFINIÇÃO?

Começamos este capítulo tendo como definição ideologia, que é a maneira de pensar característica de um indivíduo ou de uma classe, dentro das suas convicções, e convenções filosóficas, religiosas, sociais e políticas. (AULETE, Caldas, 1970).

Para institucionalizar e legitimar o poder, a classe dominante se utiliza dos aparelhos ideológicos, ou seja, da família, da escola, dos meios de comunicação, da igreja, para tornar os valores e a moral comuns a todas as classes sociais.

Observando o que CHAUI relatou: chega-se a conclusão que a divisão social do trabalho dá poder aos proprietários, sobre os que não são proprietários e estes são dominados economicamente e politicamente. A classe dominante precisa dispor de instrumento para essa dominação, tendo como instrumentos o Estado e a Ideologia. (1982, p. 90).

A ideologia articula-se camuflando o real, sendo um conjunto de idéias e sistema de valores que é formulada convergindo os interesses da classe

KELLY, sustenta que os sistemas econômicos e os sistemas de gênero interagem para produzir as experiências sociais e históricas. Os dois operam simultaneamente para reproduzir as estruturas sócio-econômicas e as estruturas de dominação masculina de uma ordem social particular. (1995, p. 77).

Podemos então concluir que a desigualdade nas questões de sexismo estão corporificadas em um sistema de relações sociais.

ANYON, evidencia “que as meninas são colocadas não apenas diante de ideologias que determinam o que é um comportamento adequado para elas, enquanto mulheres (por exemplo cuidado dos homens e crianças em situação doméstica, submissão e não competitividade com homens no trabalho e submissão sexual), mas também diante de ideologias sobre quais são, os meios de sucesso no mundo competitivo e não doméstico do trabalho”. E ainda com relação ao trabalho afirma que as mulheres precisam trabalhar com os homens, pois a libertação do gênero não é possível sem a libertação da exploração capitalista. Embora na forma como as mulheres são constantemente definidas pelas ideologias da feminilidade, não é considerado feminino agir coletivamente em protestos políticos públicos. (1994, p. 14).

Ideologia é, portanto, uma forma de transformar a idéia da classe dominante em concepções dominantes para todas as classes sociais, a classe que detém o poder domina as idéias. A classe dominante se utilizou desta opressão como uma forma de exploração da mão-de-obra, acumulando, desta forma capital e consequentemente poder.

2.1.2 - GÊNERO E CULTURA: EVOLUÇÃO DOS TERMOS.

2.1.2.1 - GÊNERO

Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, o termo “Gênero” tornou-se uma palavra útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens.

SCOTT define gênero em duas partes: (1) gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os dois sexos e (2) gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder. (1988, p 86).

“Estudos sobre o “gênero” tomaram impulso a partir dos movimentos feministas na década de 70, que tinham como objetivo maior conhecer as influências dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas distintas sociedades e épocas, numa tentativa de conhecer o funcionamento e o significado destes sistemas simbólicos na organização social, como também “descolar” a noção de papel sexual do sexo biológico, colocando-os como constructos sociais. As feministas buscavam, com isto, subsídios mais sólidos para contrargumentar as explicações biológicas como maternidade e força muscular, usadas para justificar as diferenças dos papéis sexuais entre homens e mulheres em nossa sociedade complexa” (GROSSI, 1990).

O termo “Gênero” segundo SCOTT torna-se uma forma de indicar “construções culturais e criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e as mulheres.” Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. “Gênero” é segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado, e ainda “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais

fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder. (SCOTT, 1990, p. 76).

O uso de “gênero” enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade. Além de substituto para o termo mulheres, e também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. Além disso o termo “gênero” também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos.

Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para diversas formas de subordinação feminina, no fato de que as mulheres têm a capacidade para dar a luz, e de que os homens têm uma força muscular superior.

Com estas afirmações DAVIS aponta que o objetivo dentro da história é descobrir o leque de papéis e simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la. (1975, p. 72).

Na gramática, gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que torna possíveis distinções ou agrupamentos separados. (SCOTT, 1990, p. 72).

Através dos séculos as pessoas utilizaram de modo figurado os termos gramaticais para evocar os traços sexuais. LOURO afirma que as mudanças no

campo social, político, econômico e cultural é que alteram os comportamentos “típicos” masculinos e femininos. A forma como vemos repetidamente algumas verdades seja pelas tradições populares, seja pelos discursos da ciência, da religião, da família, possibilita aos corpos femininos e masculinos, terem destinos, possibilidades, sentimentos, disposições, diferentes tornando-os “inerentes” a cada um dos gêneros. Com isso atributos que são constituídos socialmente e histórica-culturalmente, por diferentes momentos na sociedade se tornam percebidos como universais e eternos. (1995, p. 174).

2.1.2.2. CULTURA

CHAGAS coloca que o poder se materializa os corpos femininos padronizando-os estética e culturalmente para manter sob, controle, não somente a reprodução da espécie como também todo um ideal de mulher referendado nos mios da maternidade, da feminilidade, da fragilidade, e das diferenças naturais. (1994, p. 261).

Em qualquer cultura, nenhuma prática corporal enseja em si mesma as noções substantivas de sexo-gênero, não só porque há transformações a partir de uma sociedade, mas porque tais transformações nos remetem uma dimensão semântica que está contida no processo de configuração de identidades sociais mesmo aquelas que se fundam em papéis sexuais. (FRAGA) citado (DUARTE, 1986).

De acordo com MAUSS cada sociedade tem hábitos que lhe são próprios, havendo uma sociedade com instruções de gênero distintos para ambos os sexos. (1974).

“As diferentes culturas esperam que homens e mulheres tenham papéis de comportamento distintos na sociedade e a influência dos pais sobre as crianças, assim como a dos professores, diferem em grau e eficiência e nesta linha, o conceito que os professores têm acerca de masculinidade e feminilidade deve determinar suas atitudes em relação aos seus alunos. Em se tratando de pais, há uma forte tendência para diferenciar modelos para cada um dos sexos”. (ROMERO,1994).

Verifica-se que o direito a diferença é uma forma da linguagem política internacional. Fala sobre a persistência de tradições culturais, que a razão iluminista do progresso tecnológico e do projeto ocidental civilizatório supunha desaparecer.

Na predominância deste horizonte cultural que reconhece as diferenças, podemos encontrar uma nova forma de interpretar as formas de articulação entre o processo de modernização sócio-econômica e a expansão da modernidade cultural e os processos sociais de persistência de identidades tradicionais que buscavam a conservação de modelos culturais com os diferentes valores modernos.

As discussões sobre as temáticas sociais não podem esquecer-se dos efeitos diferenciados da presença cultural do gênero. Gênero articula-se assim através da tradição e da modernidade.

2. 1. 3 - GÊNERO E ESTEREÓTIPOS NA FAMÍLIA

Com relação a família e aos papéis sexuais estereotipados, as manifestações ocorrem desde o nascimento da criança, quando se espera o resultado do parto. Ser menino ou menina traz em si a forte importância que o sexo exerce em nossa cultura. (TOSCANO, 1984, p. 40).

Na família são internalizados os conceitos permitidos pela sociedade. O homem na família é representado sempre como o ser humano ideal, forte e célebre, a mulher como símbolo de dedicação e fragilidade.

O pai e a mãe repassam esses conceitos aos filhos, sem questionar ou refletir, por que são formas “naturais” de se estabelecer o papel do homem e da mulher na sociedade.

“É através da própria família que a criança se integra no mundo adulto. Nesse meio aprende a conotar seus afetos, avaliar e selecionar suas relações (...), é na família que a criança recebe orientação e estímulo para ocupar um determinado lugar na sociedade adulta, em função de seu sexo, sua raça, suas crenças religiosas, seu status econômico e social. Os jovens aprendem e assumem as atitudes e papéis do pai e mãe. Isso torna-se claro quando observamos a educação diferenciada das crianças conforme o sexo” (NUNES, 1987, p. 20).

Assim sendo, para refletir e buscar novas alternativas sobre as questões de gênero dentro da sexualidade é necessário identificar como ocorre a socialização estereotipada através dos mecanismos ideológicos que envolvem a família.

Podemos observar que movimentos culturais podem mudar características típicas para os papéis sexuais, existindo tendências fortes a aquisição de uma conduta mais “feminina” também para o homem. Isso devido ao crescimento das mulheres na vida profissional. Criando-se assim em nossa sociedade uma imagem de família que destrói aquela da família burguesa herdada da civilização ocidental. (SARAIVA/KUNZ, p.249).

A teoria psicanalítica feminista (BALBUS) encaminha uma análise para compreender à imagem de família e aos papéis sexuais estereotipados mostrando uma nova conduta: percebendo a necessidade de participação dos homens nos cuidados e na educação dos filhos. Sendo assim o papel sexual que a criança vai desempenhar será punido ou reforçado, segundo a cultura e o contexto social no qual ela está inserida. (1987, p. 13)

Segundo ROMERO pode-se dizer que a criança cresce sob um treino socializador, através do qual o indivíduo adquire padrões de comportamento, crenças, normas e motivos que são valorizados por seu próprio grupo familiar e cultural, iniciando-se na família e que se torna rígido à medida que a criança cresce e amadurece. A autora afirma que os pais têm noções bastante sólidas a respeito do comportamento masculino ou feminino apropriado, compartilhando estereótipos comuns da sua cultura, que transmitem aos seus filhos. (1994).

2.1.4 GÊNERO: ACOMODAÇÃO E RESISTÊNCIA

ANYON discorda da visão que o desenvolvimento do gênero seja um processo unilateral de imposição pela sociedade de valores e atitudes

internalizados pelas meninas. Contudo afirma que o desenvolvimento do gênero envolve tanto recepção passiva quanto resposta ativa as contradições sociais.(1990, p. 14).

Como exemplos de acomodação e resistência GENOVESE cita a apropriação, pelos escravos, da ideologia paternalista e da religião dos brancos. Sendo que a ideologia do paternalismo pode ser descrita como: aquela em que o escravizador era responsável pelo bem estar dos escravos, os escravos deviam doar o trabalho a seus proprietários, sem pagamento.(1972, p. 659).

Acomodação e resistência, mesmo como recusa ou silêncio, são processos ativos: a maioria das meninas não são vítimas passivas de expectativas de papéis sexuais estereotipados, mas são participantes ativas em seus próprios desenvolvimentos. A acomodação e resistência fazem parte integrante da totalidade dos processos que todas as crianças usam para construir suas identidades sociais.

Mostra-se que as contradições, e as formas abrangentes de opressão são diferentes para gênero, classes e raças, e as formas que tomam a acomodação e a resistência irão também ser diferenciadas.

Numa pesquisa ANYON aponta desenvolvida com 100 crianças da quinta série investigando o contexto social, as respostas colhidas entre as classes sociais sob o ponto de vista de sexo, sugere que existe entre meninos e meninas um perceptível conflito entre o papel das meninas como esposas e mães e como pessoas que desejam trabalhar fora. Apresenta ainda que a apropriação da sexualidade é o próximo tipo de comportamento que manifesta tanto acomodação quanto resistência. (1990, p.20).

2.2 GÊNERO NA ESCOLA

2.2.1 - ESCOLA REPRODUZINDO AS DESIGUALDADES SÓCIO-CULTURAIS.

Compreendemos escola por ser o aparelho criado pela classe dominante para produzir seus interesses, sua ideologia. Na escola, as expectativas, opiniões, percepções e mesmo as impressões que os professores têm a respeito dos alunos, contribuem para trazer efeitos futuros sobre suas vidas.(ROMERO, 1993)

Sobre isso LOURO comenta que a construção de gênero é realizada nas múltiplas instâncias sociais, nas diferentes práticas, espaços e instituições, através dos símbolos, normas, doutrinas, através das intrincadas redes de relações entre os sujeitos. Dentre essas várias instâncias está a escola que ao longo de sua história e na configuração atual, também tem criado e recriado formas de produção de sujeitos “generificados”. (1995 p.172).

ROMERO afirma que a escola, como aparelho ideológico do estado, é responsável por uma educação que reforça os padrões de comportamento culturalmente estereotipados, auxiliando na produção das desigualdades que existem entre homens e mulheres, conduzindo meninas e meninos para papéis que a sociedade impõe. (1994, p. 228).

Os estereótipos nas atividades esportivas também estão ligados aos fatores sócio-culturais que determinam expectativas diferentes para os sexos, partindo das diferenças biológicas discriminam-se as atividades mais “adequadas” para as meninas e meninos.

As evidências levantadas até aqui, mostram que a escola e a educação física, servem como transmissores dos valores sociais, representados aqui pela reprodução ideológica presente nos estereótipos sexuais. Vimos com isso a possibilidade de resgatar os condicionantes sociais que se manifestam através de estereótipos nas atividades corporais. Estes podem ser questionados, abrindo espaços para posicionamentos críticos com relação as práticas docentes.

2.2.2 - AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E OS ESTEREÓTIPOS SEXUAIS

As relações que se estabelecem na sociedade, influenciam o ambiente escolar e tendem a se repetir no interior da educação física.

Tomando a aula de educação física como um fato social, podemos entendê-la como uma extensão dos acontecimentos de uma sociedade, regida por normas e valores que vão determinar os papéis ou funções exercidas pelos indivíduo. "(...) Quando estas normas tornam-se rígidas e inquestionáveis surgem os estereótipos, que são características da identidade." (GREVE, 1984 p.42).

"Admitindo que os discursos constituem os sujeitos, como não notar os efeitos de uma linguagem que impõe o masculino como regra, linguagem que determina à menina/mulher que ela deve se sentir "incluída" (ou escondida?) quando sua professora ou seu professor diz que "os alunos que terminarem a lição poderão ir para o recreio" Essa linguagem, que institui e expressa o ocultamento do feminino, é provavelmente, uma das primeiras aprendizagens escolares. Uma aprendizagem que frequentemente é tão efetiva e duradoura que faz com que

pesquisadoras e professoras, em sua vida profissional, refiram-se a si mesmas no masculino, zelosas de uma linguagem “generalizante”, “neutra”, e então, sexista!.” (LOURO p.178).

O ocultamento do feminino ou confinamento de cada um dos gêneros a espaços definidos, são construídos não apenas pelas permissões e proibições explícitas, mas se insinuam e se impõem, na linguagem, nas práticas diversificadas, nas aulas separadas de educação física ou de técnicas de estudo, na organização dos grupos de estudo, na formação das filas, no encaminhamento de jogos e atividades para os recreios. (LOURO, p.179).

Estas práticas, explicações e teorias constituem os sujeitos femininos e masculinos desigualmente e frequentemente. Essas práticas cotidianas e esses eventos nos produzem como mulheres e homens.

2.2.3 - O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO AGENTE DE MUDANÇA CULTURAL

Para ROMERO o papel sexual que a criança vai desempenhar será punido ou reforçado, segundo a cultura e o contexto social no qual ela está inserida. As diferentes culturas esperam que homens e mulheres tenham papéis e comportamentos distintos na sociedade. (ROMERO, 1994 p. 226).

Na cultura atual continua-se a esperar comportamentos diferenciados para homens e mulheres. Essas diferenças existem e estão em todas as camadas sociais e são encontradas nas expectativas do professor e na sua práxis.

Na escola, as meninas e meninos apresentam comportamentos distintos, podendo ser gratificados ou punidos, segundo as expectativas de modelo masculino ou feminino que a professora tem para um ou outro sexo.

“Acredita-se que a percepção do professor, de certa forma, influencia sua interação com os educandos, especialmente quando utiliza percepções imprecisas do “comportamento adequado e inadequado”, tomando atitudes flexíveis em relação aos alunos (...). No sistema escolar, o professor que mantém contato direto com a criança, torna-se um elemento decisivo na sua formação pois será ele a pessoa que vai veicular idéias, percepções e conceitos formados sobre a adequação ou não do comportamento de seus alunos. (ROMERO, 1994).

2.2.4 - EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO SEXISTA: ELEMENTOS PARA POSSÍVEL MUDANÇA.

“A escolarização dos corpos e mentes não se limita aos estudantes, ela também é exercida sobre aquelas e aqueles que ensinam, demarcando movimentos e gestos, construindo formas de caminhar, de falar e de ouvir, disciplinando a expressão de afetos e desafetos, o que, muitas vezes, nos permite dizer que alguém tem “jeito de professora” (ou de professor).” E ainda que nas práticas sociais, na escola ou em qualquer outra instância, algumas vezes são desenvolvidas transformações que servem apenas para revestir de novas formas um mesmo processo de desigualdade ou discriminação. (LOURO 1995 P. 181).

Tendo como ponto de partida estas colocações entendemos que a problematização de nossas práticas diárias, da linguagem, das estratégias

escolares, dos livros-texto, de nossos referenciais teóricos pode se constituir, numa importante atitude em direção a uma escola não sexista. Para isso precisamos questionar o modelo sexista que a escola propõe, e reconhecer a possibilidade de alterar as suas práticas.

Com relação ao profissional de educação física junto a rede escolar, julga-se que sua meta está voltada para a formação global do ser humano, numa perspectiva social, política, econômica, biológica e psicológica. E assim os objetivos e a prática nas atividades devem ser iguais para todos.

“O que acontece é que as meninas são desencorajadas a praticarem atividades ditas masculinas como subir em muros e jogar bola, assim desenvolvem atividades como pintar e ajudar a mãe nas tarefas domésticas, com isso os meninos desenvolvem atividades que lhes propiciam desenvolver a motricidade ampla, enquanto as meninas desenvolvem mais a motricidade fina.”(ROMERO, 1995 p.229).

3 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Com os dados levantados nesta pesquisa chegamos as seguintes conclusões:

Histórica e culturalmente existe um processo ideológico que determina os estereótipos sexuais, colocando o homem em situação privilegiada em relação as mulheres. Estas relações que envolvem o poder e dominação do masculino sobre o feminino são reforçadas a princípio pela família em consequência pela escola e assim pela Educação Física, caracterizando um conjunto de determinantes influenciados pelas questões ideológicas: filosóficas, religiosas, sociais e políticas.

Concluimos também que a socialização se dá pela diferenciação dos papéis que determinam as atividades que são “mais adequadas” para um e para outro sexo. Na Educação Física isso ocorre quando o professor gratifica ou pune os alunos com relação as suas expectativas a um e ao outro sexo determinando comportamentos diferenciados nas atividades.

Sugerimos com uma perspectiva de haver diminuição as desigualdades entre os sexos, por parece importante no momento uma reflexão sobre a Educação Física como meio de desenvolvimento integral dos alunos.

Assim espera-se que o professor assuma uma posição propícia de ajuda na prevenção e na possível resolução dos problemas que envolve as desigualdades entre os sexos.

É necessário reformular o modelo adotado por profissionais que diversificam as atividades de acordo com o sexo, pois com essa postura estão reforçando os estereótipos sexuais.

Para haver uma mudança se faz necessário rever o papel sexista da escola, avaliando-se como a escola em sua maneira de educar está contribuindo para formar e manter os estereótipos sexuais. Propõe-se então que se faça um plano de ação pedagógica para conscientizar professores e pais sobre os prejuízos causados quando se reforça os estereótipos punindo e/ou reforçando comportamentos apresentados pelas crianças.

Espera-se que reflexões sobre o tema proposto possam auxiliar o professor a educar de uma maneira menos sexista.

Sendo este um estudo monográfico baseado somente em literatura, possui limitações, necessitando assim ampliar as discussões a respeito da problemática em questão sobre a prática pedagógica da Educação Física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULETE, **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo, 1980
- ALMEIDA, Jane S. **Mulheres na escola: Algumas reflexões sobre o magistério feminino**. Cad. Pesquisa, São Paulo n.96, p.71-78, fev. 1996.
- ANYON, Jean. **Interseções de Gênero e Classe: Acomodação e Resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais**. Cad. Pesquisa, São Paulo (73): 13-25, maio 1990.
- BALBUS, Isaac D. **Mulheres disciplinantes. Michel Foucault e o poder do discurso feminista**. In: BENHABIB/CORNEL (org). **Feminismo como crítica da Modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1987. P.121-38.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Educação e Realidade, Porto Alegre. v. 20 n. 2, jul/dez. 1995.
- CARDOSO, Fernando L. **O gênero e o movimento humano**. R.B.C.E. 15 (3). Janeiro, 1994.
- CHAGAS, Eliane. **Educação Física: Escola de ... Formação do Corpo Feminino**. R.B.C.E. 15 (3) Janeiro 1994.
- CHAUÍ, Marilena. **Comformismo e resistência**. 2 ed. São Paulo. Brasiliense, 1987.
- DUARTE, Luis F. **Da vida nervosa dos trabalhadores urbanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Vol. 1 A vontade de saber. 10. ed. Graal, 1991.

_____. **História da sexualidade**. V.2, Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRAGA, Alex B. **Concepções de gênero nas práticas corporais de adolescentes**. Movimento, ano 2 . N.3, 1995/2.

GREVE, Margit. **Mulher no esporte - uma reflexão crítica**. Revista Técnica de Educação Física e Desportos Sprint. 3 (1): jan/ fev. 1984.

GROSSI, Miriam P. et. alii. **A trajetória do conceito de gênero nos estudos sobre a mulher no Brasil**. Florianópolis: ABA, 1990. Mimeo.

LOURO, Guacira L. **Gênero, história e educação: construção e desconstrução**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20 n. 2, jul/dez. 1995.

MACHADO, Lia Z. **O lugar da tradição na modernidade** Latino-Americana: etnicidade e Gênero. Cad. Pesquisa, São Paulo (77): 34-35, maio 1991.

MAUSS, Marcel, **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

NUNES, Cezar A. **Desenvolvendo a sexualidade**. Campinas: Papyrus, 1987.

ROMERO, Elaine. **A educação física a serviço da ideologia sexista**. R.B.C.E. 15 (3). Janeiro, 1994.

SARAIVA - KUNZ, Maria C. **O gênero: Confronto de culturas em aulas de Educação Física**. R.B.C.E. 15 (3) Janeiro 1994.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20 n. 2, jul/dez. 1995.

SILVA/AZEVEDO. **Reestruturação curricular**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SOARES, Carmen/ GOELLNER, Silvana. **O elogio à diferença**. R.B.C.E. 15 (3).
Janeiro, 1994.